



## **Moacyr Scliar: fazedor de golems**

Moacyr Scliar: Golems Maker

### **Márcio César Pereira dos Santos\***

Belo Horizonte, Brasil

quinho32@yahoo.com.br

**Resumo:** O judaísmo e a tradição judaica, a revisão histórica, o discurso da ciência, as Escrituras, a memória e a identidade latino-americana, são algumas das linhas temáticas que conformam trama e novelo da obra multifacetada de Moacyr Scliar. A integração de todos esses discursos no jogo infinito da ficção revela a sofisticada teia literária tecida pelo escritor. Não seria diferente quando o autor lida com um mito tão cheio de nuances, como o Golem. Esta comunicação analisará a retomada desse mito, explicitamente, em dois livros de Scliar, de forma literal no romance *Cenas da vida minúscula*, publicado em 2003, e, obliquamente, em *Manual da paixão solitária*, de 2008.

**Palavras-chave:** Moacyr Scliar. Golem. Mito.

**Abstract:** Judaism and Jewish tradition, the historical review, the discourse of science, the Scripture, the memory, and Latin American identity are some of the thematic lines that make up the plot and skein of Moacyr Scliar's multifaceted work. The integration of all these discourses in the infinite play of fiction reveals the sophisticated literary web woven by the writer. It would be no different when the author deals with such a nuanced myth like the Golem. This communication will analyze the retaking of this myth, explicitly, in two books by Scliar, literally in the novel *Cenas da vida minúscula*, published in 2003, and, obliquely, in *Manual da paixão solitária*, from 2008.

**Keywords:** Moacyr Scliar. Golem. Mith.

*A criação de um Golem não é somente um ato de defesa judaico, afirma Bashevis Singer, mas também uma reflexão filosófica do homem sobre a criação e suas relações com a linguagem. É por isso que, para Bashevis Singer, [...] em tantos escritores que recontaram a lenda do Golem, mais que o sentido moral da lenda, tem-se também o sentido artístico da criação. Os "fazedores de golems" são desse modo, essencialmente*

---

\* Mestre em Teoria da Literatura e Literatura Comparada pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Federal de Minas Gerais.



*artistas – escritores, pintores, compositores, escultores -, continuamente inquiridos sobre como realizam suas criações.*

(Lyslei Nascimento)

Moacyr Scliar foi um artista singular em sua trajetória, sensível às diferenças e com um inequívoco senso de observação ele elegeu a beleza das coisas imperfeitas como uma fonte maior de seu trabalho literário. Um *bricoleur*, sempre retrabalhando os cacos e vestígios de outros textos, para conseguir, não a forma perfeita, mas inusitada, por isso única em suas singularidades definitivas.

Todo grande artista parece ter vivido sobre o peso e a angústia de seus predecessores. Igualar ou superar os seus mestres, sempre foi um mote, uma quase sempre inglória tarefa a que muitos criadores se quedaram com um instinto suicida e/ou destruidor no intento de elaborar, o sempre “original”, o “definitivo”, o mítico “divino e novo”. Superar os mestres seria, como a fábula judaica do Golem, uma maneira de recriar a criação.

Essa inquietação sobre o fazer artístico que o mito suscita é talvez um dos pontos mais relevantes como metáfora sobre a ética da criação humana, ou seja; buscar paranoicamente a perfeição, igualar-se a Deus e conseqüentemente matá-lo para colocar-se em seu lugar seria reinar ilusoriamente com o peso do ouro sobre nossos “pés-de-barro”: por fim, sucumbir à gravidade e ao tempo, forças incontornáveis da natureza. Repetir Deus é então um intento fadado ao fracasso, como superar seus mestres. No entanto o mito também sugere outras leituras, “[...] mais que o sentido moral da lenda, tem-se o sentido artístico da criação.”<sup>1</sup> ou melhor o artista consciente das limitações da recriação, supera de certa forma, essa “angústia da influência” e propõe novas possibilidades em seu fazer, novas leituras, a imperfeição torna-se o mote, não se almeja mais a superação, mas de reinventar o mesmo. Esse parece ser o “*módus operandis*” de Moacyr Scliar, um grande “fazedor de golems”.

Scliar, profícuo realizador, notabilizou-se por sua profusão de temas e pela multiplicidade de formas e formatos. Crônicas, contos, ensaios, e novelas e romances. O escritor se serviu de muitos de veículos para exercer sua inusitada imaginação. O judaísmo e a tradição, a revisão histórica, o discurso da ciência, as Escrituras, a memória, a identidade latino-americana, as adversidades do cotidiano; todas essas linhas temáticas, formaram a trama de seus trabalhos cujo objetivo parece, ao final ser a integração de todos os discursos no jogo infundável da ficção literária.

---

<sup>1</sup> NASCIMENTO, 2004, p. 210.



E não seria diferente quando o autor lida com um mito tão cheio de nuances, como o *Golem*, especificamente em dois trabalhos a lenda é retomada, de forma literal e temática no romance *Cenas da vida minúscula*, publicado em 1991 e obliquamente em *Manual da paixão solitária*, publicado em 2008.

Em *Cenas de uma vida minúscula*, Scliar elabora a trajetória de uma tribo de homúnculos, que vivem no interior da selva amazônica e descendem diretamente da estirpe salomônica. Uma comunidade de origem judaica, que mantém suas tradições e hábitos na pequena aldeia (um *shtetl*?) perdida em um igarapé da grande floresta. O narrador protagonista descreve, nas 40 primeiras páginas do romance, as origens salomônicas dos magos, prosaicamente nomeados sempre como Habacuque (um dos filhos de Salomão, não o profeta pré-babilônico) que milhares de anos depois criariam de si aquela estirpe de homens minúsculos. No texto são recriados os dias do reinado do famoso rei, no entanto os protagonistas são dois dos filhos de Salomão, Habacuque e Sulamita, a quem é confiada a tarefa de escrever “o grande Livro que contará a história do nosso povo”<sup>2</sup> como diz Sulamita. Esta irá se consumir na tarefa, ao tentar inserir sua subjetividade na história de Israel é reprimida e rebela-se contra os protagonistas daquela história que conta, mas é excluída enquanto consciência: “Deus é onisciente, mas eu sou mais onisciente do que Deus, eu sei o que ele pensa. Ele não me derrotará, Habacuc, nem ele, nem seu preposto Salomão. Ele criou o céu e a terra, mas eu crio o texto que ele habita.”<sup>3</sup> Sulamita sucumbe ao desvario e morre, não antes sem legar a seu irmão Habacuc a rebeldia contra o pai, deixando Israel e retomando a tarefa da irmã para cunhar o *Livro das Origens*. Porém amplia suas ambições e quer superar o próprio e o Deus que ele serve. Habacuc quer criar vida e fundar uma dinastia sua:

— Quero criar um ser vivo – disse cauteloso, esperou um pouco e repetiu, mais alto.

— Quero criar um ser vivo!

[...]

Um ser vivo. Não era pouco, aquilo: extrair, da matéria inerte, vida. Transcendia o mágico, chegava ao divino; com todos os riscos que isto implicava. Contudo não era arrogância, ou onipotência, que o moviam; era a emoção de se encontrar, de alguma forma, com a amada.<sup>4</sup>

---

<sup>2</sup> SCLIAR, Moacyr. *Cenas da vida minúscula*. Porto alegre: L&PM, 2003. p. 16.

<sup>3</sup> SCLIAR, 2003, p. 21.

<sup>4</sup> SCLIAR, 2003, p. 26.



Habacuc ao fuge e funda uma linhagem que magos descendentes – todos nomeados Habacuc –, que erram do oriente para ocidente em quase vinte séculos de história, misturando o factual e as lendário, o narrador traça por reminiscências de leituras do mítico *Livro das Origens*, sob a guarda de sua estirpe, as errâncias dos magos pelos séculos findarão por trazer o último Habacuc, em uma Nau Portuguesa, às selvas brasileiras. E nos rincões amazonenses o mago derradeiro por fim, a partir de suas prosaicas emanações irá conceber uma nova espécie, a raça minúscula à qual pertence o protagonista narrador.

Esse prólogo é uma explícita recriação da história do povo judeu e dos eventos que o levaram a se espalhar pelo mundo. A diáspora é reencenada nas primeiras páginas da obra e funciona como ponto de partida para uma reflexão sobre identidade, tradição, assimilação e pertencimento, temas recorrentes na ficção de Moacyr Scliar. Na segunda parte do romance, o protagonista, herdeiro e detentor da história da tradição de sua tribo descreve os eventos que o levam a abandonar seu povo e o a entrar em contato com a sociedade brasileira. Ele é levado, inadvertidamente com uma companheira, à gigante cidade de São Paulo. Então os efeitos deste choque de civilizações irão consumir sua conterrânea, que irá sucumbir como a primeira Sulamita. O protagonista se verá paulatinamente assimilado por aquela cultura dominante e modificada, crescendo fisicamente, modificando no corpo, na escrita do corpo, sua identidade, suas tradições e sua história.

Scliar recria a narrativa do Golem, modificando as dimensões e as relações de consciência de seus personagens. Os homúnculos, ancestrais do protagonista e narrador, são forjados por um mago (Rabi), que após milênios acumulando conhecimentos científico e mágicos, gera seus pequenos seres como quem planta uma árvore, o mago cria macho e uma fêmea, lega-os o *Livro das Origens* e morre. Como toda criação imperfeita, os homúnculos mantem seu estranhamento ou identidade com o mundo normatizado. Quando expostos àquele mundo gigantesco (monstruoso) ou sucumbem ou são assimilados. Scliar inverte aqui o espelho das consciências e a dimensão monstruosa da cultura de assimilação. O protagonista cresce até atingir o tamanho em que sua pequenez é socialmente aceitável, embora sempre um baixinho. O livro das origens desaparece na selva amazônica, bem como a tribo natal do protagonista, essas narrativas, contudo, permanecem na memória no relato do narrador, fruto talvez de um delírio febril do protagonista, o que pouco importa, pois, a ficção enquanto narrativa poderá sempre ser uma das possibilidades da história.



Já no romance *Manual da paixão solitária*,<sup>5</sup> Scliar incorpora o mito do Golem como parte do relato de uns seus narradores, no caso Shelá, o terceiro e silencioso filho do patriarca bíblico Judá, cuja história é narrada no capítulo 38 do *Livro do Gênesis*. No relato, Judá se aparta de sua família e de seu pai, o patriarca Jacó. Esses eventos acontecem após ele e seus irmãos terem vendido seu irmão José (o José do Egito) como escravo. Judá casa-se e tem 3 filhos: Er, Onan e o caçula Shelá. Os dois primeiros são dados em casamento a uma certa Tamar, que se enviúva dos dois primeiros e cobra pôr fim ao patriarca seu direito de ser desposada pelo caçula Shelá, porém Judá, julgando-a amaldiçoada nega à sua nora Tamar, as bodas, ao que faz jus pela lei do Levirato, ou seja, ter Shelá, o filho adolescente como progenitor, para cumprir a obrigação que seus falecidos irmãos não cumpriram, deixando Tamar, viúva e sem filhos.

Scliar, peculiar em seu projeto ficcional, dá voz a personagens periféricos de narrativas da tradição. E faz de Shelá (uma figura citada em apenas 4 versículo do capítulo 38 do *Gênesis* Bíblia) um dos narradores protagonistas de seu romance, como um adolescente desejoso que sonha com a cunhada Tamar, que lhe é negada por seu pai, assim só lhe resta, o sexo solitário e a escrita. Para satisfazer sua paixão errante, o narrador protagonista constrói então seu “manual do sexo manual”. Primeiro, por meio do barro, como oleiro: Em uma caverna secreta, Shelá molda na argila uma estátua de Tamar, como uma boneca sexual feita na lama para saciar seu apetite e possui. Uma *Tamar-Golem*, porém, um ser incompleto, sem os devidos elementos encantatórios que os magos rabinos do mito utilizaram para encantar suas criaturas, a boneca de Shelá ela se mostra inerte – como no mito *Golem*, retorna ao barro, a massa moldável do oleiro, pois sem a palavra que lhe dê vida, seu poder de criação se mostra incompleto. Segundo Lyslei Nascimento, essa imperfeição é o cerne da natureza do Golem, como também das criações humanas:

Quando a letra Aleph é apagada da inscrição tatuada no Golem, esta volta a ser uma massa inanimada e informe de argila. O poder mágico da escrita sobre a matéria inerte corresponde à criação que, aspirando a verdade absoluta, revela-se falha e imperfeita. A falibilidade e a mortalidade da criatura espelham as incompletudes e, por extensão de suas criações, a escrita e a arte.<sup>6</sup>

---

<sup>5</sup> SCLIAR, Moacyr. *Manual da paixão solitária*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

<sup>6</sup> NASCIMENTO, Lyslei. O Golem: do limo à letra. In: NAZARIO, Luiz; NASCIMENTO, Lyslei (org.). *Os fazedores de golems*. Belo Horizonte: Programa



No romance, longe de buscar a perfeição e a “verdade” dos místicos e cabalistas, a *Tamar-Golem* é uma emulação de outra imitação, destinada ao prazer do efêmero, e sua imperfeição é sua maior qualidade, pois assim poderá ser abandonada:

Que prazer, meu Deus, que prazer, que êxtase! E não me senti culpado, nem um pouco culpado. Sim, como Onan eu derramara minha semente sobre a terra, mas não qualquer terra, era a terra feita Tamar. Só que constatei ao me levantar que não era mais Tamar que estava ali. Resultado dos meus espasmódicos, brutais movimentos, a pobre tinha sido completamente destruída, voltava a ser uma massa informe de barro. Como muitos outros, eu destruíra o objeto de minha paixão.<sup>7</sup>

Shelá, então, abandona suas investidas cabalísticas e passa do barro ao texto para constituir seu objeto de paixão. A paixão escrita, a paixão pela escrita.

Em ambos os romances o mito do Golem é reconfigurado, como uma reflexão sobre o ato de criar, mais especificamente sobre o ato de criar o texto, sobre o fazer literário, o que não seria exatamente, uma novidade no trabalho ficcional do autor gaúcho, de fato pode-se identificar essa linha reflexiva, já em seus primeiros textos publicados. Scliar, entretanto, nunca se colocou como um teórico de literatura, de fato o único trabalho que publicou com essa temática, teria sido “O texto, ou: a vida: uma trajetória literária. ”, publicado em 2007. No entanto, um certo ideário sobre a criação artística, pode ser reconhecido em suas ficções, sobretudo, em textos em que retoma e recria o texto Bíblico, textos onde exerce a intertextualidade, não é apenas um recurso, mas uma das colunas que estruturam sua ficção, segundo Gilda Salem Szklo, “A intertextualidade, nos escritos de Scliar, é a fonte de sua criatividade, possivelmente o tema principal de sua obra.”<sup>8</sup>

Em quase todos os seus romances há sempre um narrador escriba e um manuscrito encenado, no texto, uma estratégia textual pode ser aproximada daquilo que o semiólogo e escritor Umberto Eco definiu como “metanarratividade”, ou seja, como “reflexão que o texto faz sobre si mesmo e sua própria natureza ou intrusão autoral que reflete sobre o que se está contando

---

de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, FALE/UFMG, 2004. p. 15-38. p. 18.

<sup>7</sup> SCLIAR, 2008, p. 87.

<sup>8</sup> SZKLO, 1990, p. 16.





e talvez convide o leitor a compartilhar de suas reflexões”.<sup>9</sup> Quando o narrador, encena o trabalho literário, concomitantemente revela suas limitações enquanto obra artística, delimitando sua própria finitude. Nos romances de Scliar esses textos encenados, desaparecem sob o fogo ou se perdem no tempo, sendo reconhecidos apenas pelas emulações que narrativa faz deles, a cópia da cópia, como golems, que encenam a forma humana e ganham e vida e perecem pelo seu princípio que os constituem, ou seja: a palavra escrita, enquanto narrativa, enquanto ficção.

Os romances de Scliar, como o golems não almejam a perfeição, longe disso, eles tiram sua força nas discrepâncias que lhes conferem o estranhamento e resiliência. Resistir ao tempo, pela memória e pelo sonho.

## Referências

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Tradução de Gilberto da Silva Gorgulho. São Paulo: Paulus, 2003.

ECO, Umberto. *Ensaios sobre literatura*. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2003.

NASCIMENTO, Lyslei. *O Golem: do limo à letra*. In: NAZARIO, Luiz; NASCIMENTO, Lyslei (org.). *Os fazedores de golems*. Belo Horizonte: Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, FALE/UFMG, 2004.  
SCLIAR, Moacyr. *Cenas da vida minúscula*. Porto alegre: L&PM, 2003.

SCLIAR, Moacyr. *Manual da paixão solitária*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SCLIAR, Moacyr. *A mulher que escreveu a Bíblia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SCLIAR, Moacyr. *O texto, ou: a vida: uma trajetória literária*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

SZKLO, Gilda Salem. *O Bom Fim do Shtetl*: Moacyr Scliar. São Paulo: Perspectiva, 1990.

-----

Recebido em: 23/02/2021.

Aprovado em: 23/03/2021.

---

<sup>9</sup> ECO, Umberto. *Ensaios sobre literatura*. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2003. p. 199.